



# As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural

Women in Africa: informal dynamics of socialization, education, reproduction and cultural innovation

Maria Manuela Borges  
Universidade Nova de Lisboa

## Resumo

As formas de organização social das mulheres são comuns em África e estas práticas associativas das mulheres têm sido relacionadas com as assimetrias de género. Assim sendo, o *habitus* histórico do associativismo feminino na África Ocidental dever-se-ia à posição social da mulher nas sociedades linhageiras, em que as hierarquias baseadas na senioridade e género, dispensando a participação das mulheres no poder e autoridades públicas, e instituindo assimetrias que marginalizavam socialmente as mulheres, teria propiciado os motivos, os meios e as oportunidades para a sua autonomia e individualização, concorrendo para o fenómeno do associativismo voluntário feminino. Em síntese, o dinamismo associativo feminino em África, tem sido explicado enquanto um *habitus* feminino, fundado no costume das mulheres se reunirem em associações, para promover os seus interesses económicos, sociais e políticos, associações essas que, embora tenham sido prejudicadas pelo impacto do colonialismo que não as reconheceu e as ignorou na administração colonial, teriam ressurgido após as independências, mesmo se adaptadas aos actuais circunstancialismos das sociedades em que se inserem. A comunicação reflecte sobre este movimento organizativo multi-funcional, procedendo na base da adesão voluntária e do sistema mutualista, a partir do trabalho de campo realizado em Bissau (Guiné-Bissau) entre 1995 e 1997.

Palavras-chave: África Ocidental, Género, Associativismo, Mudança Social.

## Abstrat

This article aims to contribute to the study, divulgence and valorization of the role of African women in historical processes of confrontation, negotiation, resistance, maintenance and reaffirmation of existing values, or adoption of new ones, in the context of essentially unequal societies which deny them public protagonism as actors in social change. To this end, the article attempts to identify the social, economic, cultural and religious role of the women in organizing activities of an associative nature and in the construction of "social memory," and "social identity" in the context of the expansionist and assimilationist societies resulting from processes of globalization, namely, those unleashed by Portuguese/Western/Christian "expansion."

Keywords: West Africa, Gender, Associations, Social Change.

## Introdução

Este texto pretende reflectir sobre as formas organizativas das mulheres fora do espaço doméstico, isto é, sobre as associações<sup>1</sup> informais<sup>2</sup> de mulheres dos meios populares na África Ocidental, e complementa o artigo redigido conjuntamente com a profa. Joseania de Freitas, da Universidade da Bahia, igualmente aqui publicado com o título "Perspectivas histórico-educacionais do associativismo feminino na África e no Brasil – memórias solidárias: *Mandjuandades* na Guiné-Bissau e a *Irmandade da Boa Morte* na Bahia" Estes textos são, pois, passíveis de ser lidos individualmente ou em conjunto, para uma compreensão mais profunda da temática das estratégias associativas femininas em contexto africano e brasileiro.

### I. Relações de género, actividades económicas e associativismo

8 Na África Ocidental o fenómeno da dinâmica, histórica e actual, das associações voluntárias e informais de mulheres, tanto em meio rural como urbano é, em comparação com outras geografias, um facto peculiar e tem sido relacionado com as relações de género e as concepções acerca do papel e funções da mulher, nomeadamente a sua participação activa nas actividades económicas, principalmente no comércio. Por exemplo, na Nigéria as mulheres participam tradicionalmente nas tarefas económicas como agricultoras, criadoras de animais, processadoras de alimentos e comerciantes, e as mulheres Yoruba são reconhecidas como dinâmicas comerciantes, trabalhando por conta própria. Em países como a Nigéria, Ghana, Senegal, e Guiné-Bissau existe uma tradição de mulheres participando no comércio de longa distancia ou de retalho e a expectativa social predispõe as mulheres para certos tipos de actividades entre as quais está o comércio, onde são predominantes, e muitas mulheres obtiveram um relevante sucesso financeiro através das suas actividades económicas como comerciantes.

Procurando caracterizar as relações de género especificamente africanas, abstraindo os particularismos, alguns autores invocam a participação pública das mulheres nas esferas económica e religiosa e, essencialmente, a autonomia da mulher na produção e gestão de rendimentos, associada à divisão do trabalho e aos direitos e deveres das mulheres enquanto mães.



Segundo Diop (1989), é o estatuto estrutural acordado à “maternidade” em África, que é o principal factor de diferenciação entre as vivências históricas das mulheres africanas e europeias, na medida em que entre estas últimas implica a sua dependência dos homens enquanto em África é a condição mesma do seu poder e estatuto.

Por sua vez, Amadiume (1987), considera que o sistema de relações de género africanas se baseia numa limitação das ideologias em que os valores matriarcais e patriarcais coexistem, justapondo-se, sendo a unidade básica de reprodução e produção a “unidade matricêntrica.” (AMADIUME, 1987, p.115), enquanto que a nível da organização de parentesco o sistema patriarcal domina. Esta coexistência, a diferentes níveis da organização social de ideologias de género antagonistas, engendra um potencial para conflitos, mas proporciona igualmente um potencial endógeno para a mudança destas relações de poder entre os géneros. (OKONJO, 1976; GORDON, 1996; STAMP, 1989).

As tarefas produtivas, a autonomia económica, a segregação financeira entre os esposos e as responsabilidades das mulheres no sustento da unidade básica constituída pela mãe e seus filhos, teriam contribuído para o desenvolvimento de estratégias individualistas e voluntárias, subjacentes às associações femininas nas quais as mulheres colaboraram solidariamente para a sua promoção socio-económica e política.

9

## II. Alguns dados sobre Bissau, capital da Guiné-Bissau

Dado que a localização geográfica, assim como outras informações sobre a história e a sociedade actual da Guiné-Bissau, constam do texto “Perspectivas histórico-educacionais do associativismo feminino na África e no Brasil – memórias solidárias: *Mandjuandades* na Guiné-Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia,” iremos somente acrescentar alguns dados pertinentes para a nossa análise do associativismo em Bissau.

A história da Guiné-Bissau é surpreendente e corresponde à riqueza da diversidade cultural da planície cortada por rios, braços de mar e avançada por ilhas, que cabe da Senegâmbia antiga à actual Guiné-Bissau. Quando, no século XV, os primeiros viajantes marítimos portugueses chegaram ao território que constitui actualmente a Guiné-Bissau, a costa oeste

africana constituía a fronteira mais ocidental de um vasto complexo comercial. (HAFKIN; BAY, 1976; GALLI, 1990; BROOKS, 1987; 1993).

Antes do contacto com os comerciantes europeus, George Brooks (1988) estima que desde o século XI ou XII as rotas comerciais passando pela região ligavam entre si, através da troca de produtos, diferentes áreas ecológicas, e estas com as rotas comerciais transarianas. Os comerciantes europeus, no século XV, exploraram o comércio transariano africano, ligando-o com o tráfico transatlântico, introduzindo a Guiné no sistema comercial mundial. Os mercadores e comerciantes europeus da costa adquiriam das populações locais artigos tais como ouro, pimenta e mais tarde, escravos (séculos XVII e XVIII), em troca de algodão, panos, cavalos e armas. A ocupação do território foi inicialmente limitada às feitorias comerciais que elegiam locais que permitissem, simultaneamente, o acesso directo ao mar (situando-se na orla atlântica) e o acesso ao interior através dos percursos fluviais (ACIOLY, 1993), como por exemplo Cacheu, criada em 1558, na margem do rio Farim, e Bissau, actual capital, construída em 1687, na margem do Rio Geba.

10 Bissau é uma das cidades da África Ocidental onde as mulheres estão omnipresentes nas ruas e mercados, como vendedoras e compradoras. A constituição histórica de uma predisposição comercial feminina pode ser relacionada com a divisão do trabalho e regime fundiário tradicionais existentes nas áreas rurais, onde a divisão sexual do trabalho depende das formas de acesso à terra, que é sempre transmitida entre os membros masculinos das linhagens, embora seja trabalhada por homens e mulheres. As mulheres têm acesso a campos de cultivo através das suas relações familiares, enquanto esposas ou irmãs. (HOCHET, 1983; CARREIRA, 1947; GALLI; FUNK, 1992; 1994), mas a gestão das culturas e rendimentos obtidos é realizada de forma autónoma pelas mulheres. Este modelo teria vindo a ser reproduzido em meio urbano através das tarefas comerciais que as mulheres adoptaram como fonte essencial do seu rendimento.

O recenseamento de 1991 (Recenseamento Geral da População e Habitação de 1991..., 1996) recolheu informação sobre a religiosidade e etnicidade dos residentes no Sector Autónomo de Bissau, que evidenciam o pluralismo confessional e a multi-etnicidade da população. Os dados deste censo reflectem a estrutura social, que se enraíza na coexistência de diversos grupos sociais que, no processo histórico, resultaram dos movimentos migratórios sucessivos de populações durante o tempo pré-colonial e da sua



inserção no mercado mundial, a partir do comércio transatlântico iniciado por portugueses, e que resultou na diversidade étnica da sociedade actual da Guiné-Bissau, onde a população se reparte por cerca de três dezenas de diferentes identidades étnicas.

A diversidade cultural, linguística e religiosa da sociedade actual é o resultado dos contactos com os grupos vindos do interior, islâmicos e islamizadores, e os vindos por mar, europeu-cristãos, e das sucessivas e múltiplas reformulações da estrutura social, em resultado da migração forçada de escravos e, posteriormente, da política colonial.

### **III. Ordenando a diversidade: associações, classificações e critérios**

As formas de actividade associativa podem-se descrever a partir das suas características mais gerais, como sejam a adesão voluntária dos membros (com base em afinidades étnicas, afectivas, relações de vizinhança ou de trabalho), o facto de funcionarem a partir do princípio geral do sistema de poupança mutualista, e ainda pelas suas funções polivalentes (socialização, segurança social, poupança/crédito financeiro, realização de cerimónias religiosas). Contudo, a diversidade das formas, actividades e funções das associações urbanas, funcionando segundo o sistema mutualista, tem vindo a ser objecto de classificações teóricas com base em diferentes critérios. Para as classificar, vários critérios qualitativos podem ser usados, a partir das suas ligações ou não, com os organismos e normas estatais, distinguindo as associações informais das formais (ROSANDER, 1997), da forma de recrutamento, opondo as associações voluntárias às prescritas (EMOVON, 1997); ou da origem do modelo associativo, ordenando-as como associações de modelo europeu e associações de modelo indígena. (COMHAIRE-SYLVAIN, 1968).

Outras classificações utilizam as finalidades das actividades associativas, distinguindo as associações económicas, religiosas, políticas, recreativas, de interajuda e protecção social ou recorrem à base identitária de recrutamento (idade, sexo, etnia, local de residência ou de trabalho). George Balandier propõe distinguir entre as associações organizadas segundo princípios tradicionais (pertença étnica, parentesco, sexo, idade), e aquelas utilizando critérios especificamente urbanos, como seja a poupança. (BALANDIER, 1971).

○ que se constatou no trabalho de campo foi a propensão para sobrepôr diferentes formas associativas e acumular várias funções prosseguindo diversos objectivos. Isto é, estas associações são multifuncionais e estruturam-se a partir de uma selecção de modelos ou de recomposição de elementos de diversas organizações associativas. Deste modo, propomos utilizar para efeitos de análise, a classificação local que distingue, a partir do critério dos objectivos da participação entre os agrupamentos mutualistas com finalidades essencialmente financeiras, de poupança individual, e os que prosseguem fins essencialmente de convivialidade e interajuda, instaurando uma distinção conceptual entre os grupos de *abota* e as *mandjuandades*.

#### IV. Abotas

○ associativismo funcionando segundo lógicas estritamente financeiras e individuais é bastante comum em África, consistindo na formação de grupos informais, cujos membros contribuem, periodicamente, com um montante pecuniário predeterminado para um fundo comum, que é entregue, rotativamente, a um dos associados. Estes sistemas de poupança e crédito, com recurso à utilização rotativa do montante acumulado, não só são bastante divulgados em África, como têm merecido a atenção da literatura económica, onde são conhecidos por Rotating Savings and Credit Associations (ROSCA), ou "tontine," respectivamente nos autores anglófonos e nos francófonos.

As associações deste tipo continuam a ser eficazes como meios de poupança e crédito nas sociedades contemporâneas, estando documentadas em múltiplos países: no Mali existe o *pari*, em Angola a *kixikila*, na Etiópia o *ekub*, no Gana o *osusu*, na Nigéria o *esusu* e o *dashi*, nos Camarões o *djanggi*, no Zaire o *likelemba*, no Senegal o *mbotaye* e na Guiné-Bissau a *Abota*.

Uma *Abota* agrupa um número variável e instável de membros, recrutados a partir de interesses financeiros individuais de poupança, com base em relações de confiança mútua, de vizinhança e principalmente de trabalho. A finalidade da poupança realizada é individual e esgota as actividades do grupo, constituído exclusivamente para esse fim. (VAN DER VAEREN, 1996).



## V. *Amandjuandades*

Se os agrupamentos de *Abota* constituem essencialmente formas de poupança/crédito, outros agrupamentos de poupança mutualista, a partir da quotização periódica ou ocasional, propõem-se assegurar a realização de actividades cerimoniais religiosas e/ou outras de fins lúdicos e de solidariedade social, sendo denominadas vulgarmente por *mandjuandades*. A orientação destas associações é marcadamente social, e manifesta-se essencialmente nas ocasiões de actualização e estreitamento das relações sociais, como sejam repastos festivos, cerimónias religiosas, festividades cíclicas, ou seja, pontos altos da sociabilidade nos bairros populares de Bissau.

A poupança não é, em si mesma, o objectivo destas associações, sendo instrumental relativamente a sua finalidade primordial de socialização e de constituição de uma rede de relações sociais de interajuda.

## VI. *As mandjuandades na Guiné- Bissau*

O primeiro contacto com as associações foi através de um convite para participar de um *almoço*<sup>3</sup> da *mandjuandade*<sup>4</sup> Adjagasi, o qual reúne *bideiras*<sup>5</sup> que utilizam o barco "Sambuía," que faz carreira entre Bissau (partindo do porto de Pidjiguiti) e o arquipélago dos "Bijagós," onde compram peixe aos pescadores do arquipélago para o venderem em Bissau, no interior, ou ainda tripulantes do mesmo barco (que são funcionários públicos).

13

### *Adjagasi*

Um dia um Rei fez-me um pedido. Queria saber se lhe podia trazer uma coroa de Portugal para dar mais "lustro" ao cargo. A primeira vez que estive com o Rei e a Rainha não os reconheci, disfarçados que estavam de cobrador de bilhetes e de peixeira a bordo do Sambuía. Como nos contos de fadas que conto à minha filha para adormecer, a fada má condenara-os a trabalhar duramente toda a semana, só podendo voltar a ser reis quando todo o seu povo se reunisse, feliz, cantando e dançando. No imenso bairro de Bandim, as ruas principais são ilumi-

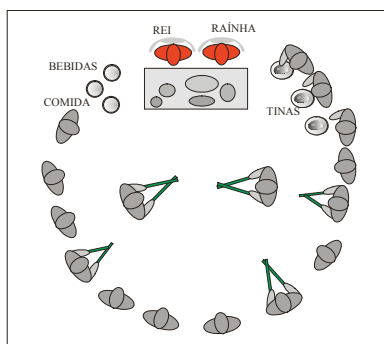


nadas pelas velas acesas nas bancas onde, pela noite fora, se vendem pequenas porções de gosto<sup>6</sup>, óleo alimentar, escalada (peixe seco), cigarros, gelados em sacos de plástico, mancarra (amendoim) e tudo o que pode ser preciso<sup>7</sup>.

A casa, onde nesse dia havia almoço da mandjuandade Adjagasi, ficava escondida entre as casas de taipa, casas de banho e cozinhas exteriores, pequenas hortas e animais domésticos. Foi preciso perguntar, por diversas vezes, onde havia almoço. No terreiro da casa da senhora a quem competia nessa quarta-feira organizar o almoço, ao entardecer quente e poeirento, estava a acontecer o almoço.

Presidindo à reunião, na mesa atalhada de branco, servida das melhores iguarias, como são uma galinha à cafreal (assada e temperada) ou uma caldeirada de cabrito com batatas e arroz, sentavam-se, cerimonialmente, o rei, a rainha, as merinhas e os conselheiros. A comida tinha sido confeccionada por um grupo de mulheres sob a vigilância da rainha. Mulheres e homens, entre membros da mandjuandade e convidados, dispunham-se em círculo.

14



Almoço da *mandjuandade*

Alguns dos convivas vestiam a farda<sup>8</sup> confeccionadas com o memo padrão de *légós*<sup>9</sup>, escolhido na feira pela rainha, e comprado com a quotização de todos. Alguns vestiam ainda a farda anterior, pois a farda é substituída amiúde consoante a vontade e disponibilidade financeira da *mandjuandade*.





Duas enormes cabaças mergulhadas até meio em recipientes com água eram percutidas por tocadores exímios. As tinas<sup>10</sup> eram acompanhadas pela assistência tocando as palma de madeira<sup>11</sup>, (e também latas vazias e tampas de panelas de ferro) que, percutidas uma contra a outra, marcavam os ritmos dos cantares a solo ou em coro, alusivos às suas preocupações quotidianas, dançando no interior do círculo. A comida e bebida, sumos, cerveja e vinhos, era servida amiúde a todos, e a excitação crescia à medida que o álcool era generosamente distribuído, e a música e dança faziam todos entrarem em euforia. As danças tornam-se mais exuberantes e, cada vez mais, mulheres levantam-se e começam a dançar no centro do círculo. As mulheres pontuavam os momentos mais expressivos com apitos, incentivando as danças. Os lenços eram lançados aos que, no crescente entusiasmo da festa, melhor dançam. As mulheres que restam sentadas iam, progressivamente, e num jeito tão comum em África, tirando os sapatos, pondo-se à vontade e mais frescas, sentindo a terra sob os pés (CADERNO DE CAMPO..., 1995).

A actividade mais regular desta *mandjuandade* é o *almoço/festa* semanal, que tem lugar, rotativamente, em casa de cada uma das mulheres. A camaradagem entre colegas ou *mandjuasé*<sup>12</sup>, deste modo, reforçada, e os laços de solidariedade reactualizados semanalmente. Para esta reunião os membros da *mandjuandade* fazem uma *Abota*<sup>13</sup>, cobrada após a venda do pescado, sendo o montante total obtido entregue à mulher que organiza o evento, para custear as despesas.

15



Mulheres em Bissau dançando e tocando apitos e palmas (1997)



Em Bissau tocadores de tina e tambor (1997)

A associação, que reúne homens que trabalham no barco e mulheres que aí transportam o peixe, organiza-se hierarquicamente em *soldados* e *oficiais* dirigentes, sendo estes os eleitos para os cargos existentes na estrutura da *Adjagasi*, e aqueles, os membros remanescentes. A *mandjuandade* tem uma *rainha* e um rei que são escolhidos por maioria, atendendo ao comportamento respeitável e activo dos candidatos. Em 1997, a rainha era uma das comerciantes de peixe das mais antigas, considerada sabedora das técnicas de bem negociar e capaz de aconselhar as mais novas. O rei era um cobrador de bilhetes a bordo do barco, que é um funcionário público.

Esta associação, entre outras funções, religiosas, lúdicas e de apoio sócio-económico, prossegue fundamentalmente interesses profissionais e corporativos, numa sociedade onde, para manter e desenvolver as actividades comerciais informais, é necessário recorrer a relações privilegiadas com os agentes do sector formal envolvidos no processo económico. (LEWIS, 1976)<sup>14</sup>. Por exemplo, com base na lista de membros da *mandjuandade* estabeleceu-se, informalmente, mas não menos eficazmente, o direito das *bideiras* a transportar o peixe no barco "Sambuia," e a *Adjagasi* mantinha, em 1997, negociações com a capitania do porto de Pidjiguiti, reivindicando que esta atribuisse um passe de entrada livre no cais para as suas associadas.

16

Em Bissau, as comerciantes de peixe têm vindo a organizar-se em *mandjuandades* em defesa dos seus interesses e, de facto, estes espaços associativos têm adquirido visibilidade e importância política. Em 1980 constituíram a "Escama," uma associação informal de comercialização do peixe encarregada de negociar, em nome das associadas, com as empresas e os agentes administrativos do Estado, visando obter melhores condições de trabalho e o seu sucesso testemunha da capacidade das associações em actuarem como grupo de pressão junto do Estado.

A *Adjagasi* testemunha a constituição de associações com base nas relações estabelecidas entre os que desempenham a mesma actividade económica e partilham os locais de trabalho e as circunstâncias em que ele se desenrola.

Além das *bideiras*, outras mulheres aderem a associações. Os requisitos de entrada nestas associações são, essencialmente, o de serem mulheres com actividades económicas que lhes proporcionem rendimentos previsíveis, de modo que possam pagar as quotizações periódicas e as *abotas* ocasionais que custeiam as actividades associativas e o empenhamento nas mesmas.



## VII. As *mandjuandades* na produção bibliográfica colonial

Nas fontes coloniais, tal como na produção escrita após a independência, as referências ao fenómeno associativo feminino em meio urbano são raras e erráticas. No entanto, as *mandjuandades* existiam antes da independência, sediando-se, como actualmente, nos bairros populares de Bissau. (URDANG, 1979).

Não obstante, foi possível reunir um conjunto de referências às *mandjuandades*. António Carreira, ao referir-se às classes de idade enquanto definidoras da posição social do indivíduo (estipulando direitos e deveres), escreve que no geral “[...] define-se essa posição dos dois sexos pelo vocábulo (que parece de raiz Manjaca) de manjoandade, utilizado no sentido de: da mesma idade; da mesma estatura; da mesma geração; idêntico; igual; semelhante.” Ainda afirma que a denominação de *mājôãdade* significa “[...] colegas da mesma classe de idade.” (CARREIRA, 1947, p.665). Outro etnólogo-administrador colonial referiu que:

Pertencem a uma manjoandade aqueles que vão ao fanado<sup>15</sup> na mesma altura. No fanado, o indivíduo toma consciência da sua personalidade e da sua posição na sociedade. Os adultos, a partir do fanado repartem-se num certo número de manjoandades. Há relações de amizade, de forte solidariedade entre os elementos duma manjoandade. (QUINTINO, 1969, p. 906).

Mais recentemente, num Relatório sobre a situação das mulheres e crianças na Guiné-Bissau, patrocinado pelo Governo e o Fundo das Nações Unidas Para a Infância (UNICEF), a referência às associações constituídas através das classes de idade funcionando em carácter permanente e preenchendo funções de interajuda e lúdicas.

Les enfants sont en général regroupés en classes d'âge et par sexe pour des apprentissages plus spécifiques, les enseignements initiatiques notamment. Mais ces classes d'âge sont permanentes et fonctionnent en dehors des cycles initiatiques comme associations pour des prestations des services à la communauté ou individuels, des manifestations récréatives. (GOVERNO DA GUINE-BISSAU/ UNICEF, 1988).

Por seu lado, Eve Crowley, registou a existência de mandjuandades no meio rural: "While manjoandade labor rotates among the cohort members, for the simple provision of food and drink, outsiders may also hire this labour for livestock or cash." (CROWLEY, 1993, p.138).

Das referências bibliográficas referidas ressaltam algumas características das associações descritas: 1. a base identitária de recrutamento (com base na idade, no sexo e na partilha territorial); 2. a participação prescrita em determinados agrupamentos, segundo a idade e sexo; 3. no seio dos quais se estabelecem relações de solidariedade; 4. desempenham um importante papel no âmbito da organização dos trabalhos colectivos, tendo como função a reprodução social e a socialização e integração dos jovens, nos sistemas e valores comunitários. (WIPPER, 1995).

As associações urbanas só recentemente foram descritas com a denominação de *société*.

As *sociétés* (termo importado do Senegal mas que acabou por entrar no léxico dos Mancanhas) são um tipo de organizações comunitárias que se podem encontrar actualmente nas comunidades manchanhas tanto na cidade como no campo. Muito parecidas com as organizações de tipo 'mandjuandade,' as 'sociétés' têm como objectivo principal encontrar soluções para os problemas sociais que afectam a sociedade Mancanha. Da mesma forma como a natureza dos problemas difere entre o campo e a cidade, assim também se notam diferenças tanto nos objectivos como na base da organização das *sociétés* camponesas e urbanas. No campo, o problema principal diz respeito à organização e execução do trabalho agrícola, enquanto na cidade as actividades das 'sociétés' estão mais viradas para a solução de problemas socioculturais (choros, etc.). Em relação à base organizativa, as 'sociétés' camponesas estão baseadas mais nas classes de idade, enquanto as 'sociétés' urbanas dispensam esse critério, não outorgando na adesão qualquer prioridade ao factor idade. Por exemplo, as 'sociétés' manchanhas existentes em Bissau são organizadas sobretudo na base do bairro (Míssira, N'ghala). No campo encontramos mais jovens nas 'sociétés' (porque constituem a força física principal). Na cidade os membros das «sociétés» são normalmente pessoas de idade mais avançada (são os que se defrontam mais com problemas de ordem sócio-cultural). (JAO, 1989, p. 64-65).



Ponderando as informações e cotejando os argumentos dos vários autores, pode-se caracterizar as *mandjuandades* actuais pela reapropriação criativa de traços e características heterogéneas, nomeadamente sendo devedora dos clubes urbanos e da *mandjuandades* rurais, dos quais adopta elementos realizando uma reformulação inovadora de diferentes modelos associativos, endógenos e exógenos. Além das *mandjuandades* tradicionais e das *sociétés*, com que as populações emigradas no Senegal entraram em contacto, as actuais *mandjuandades* de Bissau podem ainda relacionar-se com as associações étnicas, de juventude, beneficência, e clubes desportivos, que proliferaram após a Primeira Guerra Mundial, animados pelas populações crioulas. (MENDY, 1994).

Apropriando o modelo das associações dos colonos que os excluíam, reutilizaram-no para novas funções, constituindo meios de expressão e de pressão dos africanos educados, sobretudo nos centros urbanos, em relação à ordem colonial. (MENDY, 1994). Ora, estes clubes elitistas foram-se divulgando, com mais ou menos fidelidade ao modelo original entre as classes populares.

Com efeito, a emergência do grupo de africanos formados no sistema de ensino europeu, contribuiu para o aparecimento de novos tipos de associações voluntárias, cuja forma e função viria a influenciar a das organizações tradicionais. (SKINNER, 1978). Michael Banton confirma esta afirmação no seu estudo sobre a cidade da África Ocidental, alegando que as associações voluntárias, surgidas no início do século XX, eram baseadas, simultaneamente, num modelo crioulo e no das organizações de trabalho comunal africanas. (BANTON, 1957). Se o associativo urbano se filia nas associações rurais agrupando indivíduos segundo critérios vários, como seja a pertença a uma das classes de idade, ou constituam grupos de trabalho, ou de partilha de interesses, ou sejam sociedades secretas, constituem, essencialmente, organizações especificamente urbanas. (WIPPER, 1995; ODEYÉ-FINZI 1985; LITTLE, 1973; SKINNER, 1978; VAN DER VAEREN, 1966; BANTON, 1957; KANE, 1978).

Por sua vez, influenciaram o movimento associativo em meio rural. De facto, no meio rural, a partir da década de 80, registou-se um recrudescimento associativo concretizado na proliferação de agrupamentos de carácter económico, mas também de outros, com funções essencialmente recreativos e culturais, geralmente nascidos da iniciativa de jovens “[...] sedentos de uma vida agitada, moderna e urbana.” (ACÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO, 1993, p. 11).

## VIII. As *mandjuandades*, funções e discurso

As associações actuais são devedoras da herança cultural africana, e de práticas associativas originalmente introduzidas pelos administradores e pelos missionários europeus. Mas, é a referência aos elementos da cultura africana que preponderam, na medida em que as mulheres continuam ligadas ao modelo cultural da solidariedade social e da mutualidade que sustenta estas organizações associativas. (LITTLE, 1965; COMHAIRE-SYLVAIN, 1968). É esta referência ao modelo tradicional que favorece e garante a confiança, e predispõe as mulheres para se organizarem, partilhando recursos e prosseguindo interesses de forma colectiva.

No entanto, distinguem-se do modelo tradicional na medida em que pressupõem a adesão voluntária baseada na escolha individual das relações de solidariedade e interajuda (com base em afinidades étnicas, afectivas, relações de vizinhança ou de trabalho), e caracterizam-se por funcionarem a partir do princípio geral do sistema de poupança mutualista, e ainda pelas suas funções polivalentes (socialização, segurança social, crédito financeiro, realização de cerimónias religiosas e familiares). Estas associações multifuncionais constituem-se em referência a finalidades específicas, agrupando indivíduos, partilhando interesses comuns e afinidades baseadas predominantemente nas relações de vizinhança ou trabalho, que são plataformas para a construção de relações afectivas e identitárias.

A sociabilidade, o divertimento e a interajuda são argumentos ponderosos que levam as mulheres a agruparem-se em *mandjuandades*, que permitem que as mesmas, trabalhando no sector informal e sem acesso por si, ou através dos maridos (frequentemente desempregados ou subempregados), tenham acesso a esquemas formais de protecção social e crédito, tenham apoio financeiro (pagamento dos medicamentos em caso de doença, crédito para pagar as despesas com vestuário e material escolar dos filhos), para investimento em actividades económicas (compra de maior quantidade de produtos a um preço mais barato, aquisição de carros de aluguel e táxis, ou casas para alugar), ou em investimentos sociais, adquirindo bens de prestígio, como sejam os *panos pente*<sup>16</sup> e jóias, que a mulher guarda sigilosamente na sua *arca*<sup>17</sup>, e que constituem a sua riqueza pessoal, ostentada em momentos altos da sociabilidade como sejam os *choros*<sup>18</sup> e outras cerimónias religiosas/familiares, enquanto símbolos de riqueza e prestígio social.



As práticas associativas são oportunidade para as mulheres constituírem redes de relações sociais desligadas do universo familiar, permitindo a individualização das estratégias femininas, de sobrevivência e promoção socioeconómica com base em relações sociais voluntárias, que implicam confiança e solidariedade. Estas relações sociais privilegiadas são imprescindíveis, na incerteza das duras condições de vida que as mulheres enfrentam actualmente nas cidades. Para pagar os medicamentos na doença, conseguir vantagens nos negócios, ultrapassar a burocracia dos procedimentos, é sempre preciso a *cunha*<sup>19</sup> ou *juda*<sup>20</sup> de alguém.

Manter laços, ou ser capaz de contactar, mesmo que através de vários intermediários, a pessoa necessária em cada caso é “ser sociável” e implica um investimento na sociabilidade, através de convites, ofertas e tempos livres em comum. É neste âmbito que as cerimónias religiosas e familiares surgem como o evento por excelência, onde as mulheres estabelecem a sua reputação social, indiciada pela sua capacidade de motivar a presença de relações sociais familiares, mas também de relações com base no trabalho ou vizinhança, e de as cruzar. A pertença associativa providencia capital social, no sentido de acesso a redes de relações sociais que, pelo menos potencialmente, podem ser transformadas em capital económico, isto é, dinheiro ou outros benefícios materiais para os indivíduos (BOURDIEU, 1983).<sup>21</sup>

Para acumular este capital social são necessários constantes esforços em termos de investimento de tempo, atenção e afecto, para incrementar as relações dentro da associação. Uma vez que a acumulação de capital social tem como requisito a contínua e repetitiva reafirmação das relações sociais e do seu inerente potencial de utilização, as *mandjuandades* são o espaço dos eventos sociais, que constroem, sustentam e reforçam periodicamente os sentimentos de pertença e identidade entre os associados, sendo os mais frequentes os *almoços*, quando se reúnem para comerem e festejarem em conjunto, uma vez que a comensalidade é um meio tradicional de e para a integração social dos participantes, ritualizando e reactualizando o consenso social do grupo. (ULRICH, 1991; 1992).

A formação, manutenção e afirmação de uma identidade comum, extra-familiar, através do associativismo voluntário, é aparente em rituais tais como o uso da *farda* – de igual vestuário –, os almoços periódicos – ocasiões lúdicas onde se confirma e acentua a integração social dos membros, é

ainda pela acção afirmativa da identificação proposta pelo nome próprio da associação. (ULRICH, 1992).

A escolha de um nome próprio para as associações é significativa, estando relacionado com as funções e papéis sociais destas associações. Por outro lado, a adopção de uma denominação testemunha o processo de transformação simbólica da identidade social que durante séculos os "outros" (administradores, comerciantes, etnólogos) lhes atribuíram e a reinvenção de um auto identificação como membros de uma dada associação. (MEILLASSOUX, 1968; ODEYÉ-FINZI, 1985; LITTLE, 1973).<sup>22</sup> É, pois, uma declaração identitária e uma afirmação das funções e papéis sociais das associações.

A denominação de *mandjuandade* é usada enquanto nome genérico para os agrupamentos multifuncionais (sobrepondo mais que uma função: religiosa, de segurança social, económica, lúdica, entre outras), mas cada uma destas organizações sociais possui um nome próprio que remete para a procura de símbolos identitários, de sentimentos de pertença e filiação, e de reconhecimento e identificação que subjazem ao discurso das *mandjuandas*. (ODEYÉ-FINZI, 1985).

22 O idioma usado para nomear as associações é significativo, uma vez que as diversas línguas faladas na Guiné-Bissau, aqui divididas, para efeitos de análise, em linguagens étnicas, crioula e portuguesa, remetem para diferentes modelos culturais.<sup>23</sup>

O português tem estatuto de língua oficial, mas o seu conhecimento é restrito a uma elite urbana escolarizada. Desde a sua introdução, ligada à administração colonial, remete para os conceitos e práticas sociais europeias e para uma organização social específica, o estado "moderno." Assim, parece credível que a utilização de denominações europeias seja adequada para reproduzir o discurso acerca da mobilidade social das populações urbanas africanas, e para expressar o desejo de diferenciação e promoção social. (BANTON, 1957).<sup>24</sup> A adopção do português para nome próprio testemunha o processo de utilização da linguagem do "outro" para afirmar valores próprios e particulares.

As línguas étnicas, por seu lado, têm um forte componente emocional e remetem para os valores ancestrais e para as relações familiares onde são obrigatórias para falar com os *omi* e *mindjer garandis*<sup>25</sup>, uma vez que é con-





siderado *koba*<sup>26</sup> dirigir-lhes a palavra, noutra que não nas respectivas línguas étnicas. É no contexto do mundo rural e familiar que estas línguas são mais utilizadas e a sua adopção, para nomear uma associação, tem conotações específicas com o universo familiar e o mundo rural tradicional. No entanto, as denominações em línguas autóctones, não implicam necessariamente o carácter étnico das associações, que podem reunir membros de várias etnias mas, pela sua carga emotiva, são apropriadas para reproduzir o discurso tradicional da unidade e solidariedade, ou expressar a adesão emocional do grupo.

Por fim, o crioulo, entre estes dois universos, não reenvia para nenhuma organização tradicional ou moderna especificamente. O crioulo é o idioma de comunicação, falado um pouco em todo o lado, onde se junta muita gente, nos mercados, nos hospitais, nas ruas. É a fala urbana por excelência, descomprometida com o universo familiar e o administrativo. Concomitantemente, o crioulo permite expressar novos tipos de relações sociais urbanas e multiculturais. Enquanto idioma de comunicação reenvia para o universo dinâmico e fluído de uma identidade social em permanente construção, e é adequado para exprimir o novo papel das mulheres e dos jovens fora das estruturas de linhagens e é, ainda, adequado para publicitar as novas práticas sociais urbanas.

## IX. Rainhas eleitas e outros títulos

A estrutura da direcção das associações não é rígida, quer no que respeita aos cargos existentes como as funções a eles atribuídas, variando de associação para associação, mas obedece ao mesmo modelo que prevê cargos específicos para as competências de representação e coordenação, gerência financeira, controle social e poder judicial. Os cargos mais importantes são os de *rainha*, *merinha*, *financeiro* ou *tesoureiro*.

Compete à *rainha* manter a harmonia entre as mulheres e decidir da mobilização geral para realizar eventos específicos, apresentar as propostas de admissão de novos associados, fiscalizar as despesas e rendimentos e, autorizar ou não, casuística e arbitrariamente, os pedidos de empréstimos, o que lhe confere um importante poder político. No entanto, testemunhando as relações igualitárias, os membros, elegendo uma rainha de quem se espera

discrição, diligência, honestidade e disponibilidade esperam que esta exerça o seu papel, sem, portanto, limitar o das outras aderentes, de quem é, antes de mais, a porta-voz e coordenadora. As *mandjuandades* são associações voluntárias e informais, instaurando relações igualitárias entre os membros que se reúnem em assembleia-geral, nomeia os titulares para os cargos dirigentes legitimando o seu poder, e onde o direito de palavra é igual para todos os membros e as resoluções são tomadas por consenso.

A *rainha* deve conduzir a assembleia provocando a discussão e a participação de todos os membros, finalizar as discussões que se eternizam e assegurar que as opções da assembleia estejam de acordo com as regras e fins da associação. No entanto, para além de presidir às reuniões e ser servida com os melhores manjares, durante os eventos em que a *mandjuandade* participa, a rainha tem, em tudo, tratamento igual às outras associadas, quer no pagamento das quotas e *Abotas*, quer na ajuda recebida. Ou seja, a igual participação financeira dos associados fundamenta o igual tratamento de todos os membros, com igual poder, pelo menos de palavra, e idênticos deveres e direitos.

24 As incumbências inerentes ao cargo de *financeiro* ou *tisoreiro* relacionam-se com as finanças da associação, desde a realização de compras, à cobrança de quotas junto dos membros, até à fiscalização das contas, produção de relatórios, propostas de sanções aos membros com quotas em atraso, e à instrução de processos individuais e o seu arquivamento. Ao cargo de *meirinha*<sup>27</sup> compete substituir a *rainha* e controlar a área financeira, supervisionando o *financeiro* ou *tisoureiro*. Existem ainda os cargos de *polícias* com responsabilidades na manutenção da disciplina e no controle do comportamento dos associados.

Uma vez que, nas *mandjuandades*, as mulheres podem adquirir títulos e ocuparem cargos dirigentes, a participação nestas instituições constitui uma oportunidade de ultrapassar as limitações hierárquicas baseadas na senioridade e gênero, dado que qualquer que seja o seu estatuto na sociedade global, podem, no interior da associação, ocupar cargos e preencherem papéis prestigiosos e valorizados socialmente, que são, normalmente, reservados aos homens, quer no modelo de relações de poder entre os géneros africano, como no modelo ocidental/colonial, proporcionando às mulheres o acesso ao poder público, mesmo se de natureza simbólica. (WIPPER, 1995; ODEYÉ-FINZI, 1985).



Por outro lado, a participação nas actividades das *mandjuandades* e o desempenho dos cargos associativos contribui para o treino de competências organizativas e burocráticas “modernas,” assim como de valores mais abstractos que as informam e, deste modo, estas instituições desempenham importantes funções de socialização e educação para as mulheres, que complementam funções similares da família e da escola. (ULRICH, 1992).

Os cargos e os títulos inerentes ao seu desempenho reproduzem os europeus (por exemplo, *rainha, meirinha, tesoureiro*) mas, mais que uma apropriação mimética de uma ordem social que as exclui, as mulheres procedem a uma reutilização criativa de modelos, resignificados para fornecerem um conjunto de distinções de estatuto e prestígio, alternativo à tradicional hierarquia baseada na filiação. (STROBEL, 1976). As mulheres são as principais animadoras destas organizações sociais e este activismo associativo feminino testemunha a participação e protagonismo das mulheres nos espaços extra-familiares. (ODEYÉ-FINZI, 1985).

Sendo as *mandjuandades* associações multifuncionais, reunindo indivíduos, partilhando interesses comuns e afinidades baseadas predominantemente nas relações de vizinhança ou trabalho, que aí encontram um espaço de construção de grupos afectivos e identitários e accionam mecanismos de apoio nas situações de apuro de algum membro, uma das suas principais funções é a de promoverem a realização de cerimónias religiosas tradicionais. (ULRICH, 1992).

Contrariamente aos restantes países da África Ocidental, onde a esmagadora maioria é muçulmana, na Guiné-Bissau só 33% da população é de confissão islâmica, contra 65% de praticantes das religiões tradicionais africanas, vulgarmente designadas por “animistas,” e 5% de cristãos. (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU..., 1990).

No recenseamento Geral da População e Habitação de 1991 e 1996, as práticas religiosas da população foram classificadas como: animistas, cristãs e muçulmanas. No entanto estes dados estatísticos são insuficientes para retratar a complexidade do fenómeno religioso vivenciado pela população do Sector Autónomo de Bissau, complexidade que deriva da coexistência histórica das religiões tradicionais locais, ditas “animistas” e das religiões trazidas, primeiro pelas migrações de populações africanas de confissão muçulmana, e posteriormente, pela colonização europeia cristã.

No entanto, a expansão do cristianismo e do islamismo não implicou o abandono das práticas e concepções religiosas tradicionais africanas.

Deste modo, as práticas religiosas actuais caracterizam-se pela sua não exclusividade e, um mesmo individuo pode, às vezes ou simultaneamente, identificar-se ou recorrer a mais do que uma das religiões. De facto, a religiosidade é vivida de forma plural, heterodoxa e idiosincrática, em que as várias confissões se interpenetram segundo lógicas informais e fluidas, de tal modo que propomos falar de crenças religiosas tradicionais africanas, cristianizadas e islamizadas, dando conta do fenómeno da manutenção das convicções e práticas das religiões africanas tradicionais na vivência das outras duas religiões.



Campa mortuária onde se pode ver a utilização simultânea de símbolos religiosos cristãos (a cruz) e "animistas" (o pote). (Bolama, 1996)

Na sociedade guineense o grupo social compreende os vivos e os mortos. Os defuntos, transformados em *antepassados* são motivo de cerimónias complexas, que se realizam ainda actualmente. As funções religiosas são um aspecto importante das *mandjuandades*. Em Bissau as cerimónias rodeando a morte são indispensáveis e extremamente valorizados socialmente, testemunhando uma crença profunda nas religiões locais africanas, ligadas aos *antepassados*. Estas cerimónias perduram em meio urbano, mas o fausto ostentatório tornou-se a prova do êxito social, condição essencial de acesso ao prestígio, autoridade e poder, testemunhando a *força*<sup>28</sup> da mulher.

Paradoxalmente, a inflação das despesas cerimoniais ligada à monetarização, é resultado das estruturas associativas que permitem ultrapassar as limitações impostas pelas condições de vida cada vez mais precárias e o custo monetário cada vez maior das despesas cerimoniais. Estas práticas



cerimoniais da religiosidade tradicional africana são largamente sustentadas pelas mulheres, que aí encontram meios de expressão privilegiada por comparação com a posição subalterna que os cultos e práticas católica e muçulmana reservam para as mulheres. (DELGADO; FERNANDES, 1989).

## X. Em jeito de conclusão

Na África Ocidental, a tradicional independência ou relativa autonomia das mulheres, apesar da prevalência da ideologia patriarcal, em resultado das suas actividades económicas e, até certo ponto do seu estatuto polígamo em que cada mulher é responsável pela gestão da subunidade básica dentro da família extensa, permitiu a valorização da mulher na África pré-colonial, as suas actividades económicas publicas e a concepção da família, impondo a responsabilidade na manutenção da unidade básica, o "fogão"<sup>29</sup> constituído pela mãe e seus filhos, fazem com que as actividades e os bens sejam objecto de uma luta e de uma negociação entre os dois gêneros.

Mesmo se a colonização contribuiu para reforçar os elementos da ideologia patriarcal, estabelecendo uma hierarquia de papéis em referência ao domínio público e privado, onde as mulheres eram excluídas do domínio público e os homens assumiam as actividades produtivas e politicas do mesmo, e ainda enquanto contribuíram para o enfraquecimento do poder e prestígio das mulheres, tradicionais nas sociedades pré-coloniais, esta herança cultural subjaz a actual papel e funções das mulheres em meio urbano precário. As associações actuais permitem às mulheres defender a sua autonomia económica e estabelecerem as suas próprias redes de apoio financeiro e afectivo.

Antes, como actualmente, as mulheres apelando aos valores tradicionais da solidariedade feminina e da mutualidade, organizam-se em associações para aumentarem o seu poder económico, religioso e político, enquanto estratégias de emancipação social e política. Neste âmbito, as associações de mulheres constituem importantes espaços sociais, económicos e afectivos, proporcionando às mulheres os meios de enfrentarem de forma autónoma os desafios e constrangimentos das suas vidas. Agrupando-se em associações podem desenvolver o sentido de pertença e a consciência do seu poder enquanto actores sociais e, deste modo, as associações podem

ser espaços de transformação das identidades femininas e base das suas estratégias de empoderamento nas suas sociedades.

O recrudescimento do movimento associativo, animado sobretudo pelas mulheres, concretiza a reutilização e resignificação criativa e aferida à realidade presente, de processos, valores e legitimações tradicionais e modernas, através de lógicas heterogéneas, híbridas e sincréticas, de forma casuística, consoante as circunstâncias.

As *mandjuandades*, instaurando relações voluntárias e igualitárias, baseiam-se em afinidades afectivas e electivas baseadas na solidariedade de posições e interesses individuais e colectivos e são plataformas para a promoção educativa, económica e social das mulheres. Neste processo, desencadeiam oportunidades de reformulação e reconstrução identitária.

Em conclusão, falar do associativismo feminino em Bissau é, genericamente, falar da relevância que a pertença a determinados grupos pode adquirir, no plano das desigualdades sociais e construção de identidades sociais e das formas de acção colectiva.

## 28

**Notas**

- 1 As associações constituem agrupamentos estruturados e organizados fora do espaço doméstico. (ROSENDER, 1997).
- 2 Por informal, entendemos o tipo de associação que não tem qualquer laço com as instituições estatais ou locais.
- 3 Repasto festivo onde se come, bebe, dança e canta que é realizado periodicamente pela *mandjuandade*.
- 4 Classe de idade; a associação urbana, multifuncional com fins cerimoniais.
- 5 Comerciante informal que reúne e distribui produtos, podendo também transformar.
- 6 Caldo de galinha industrial.
- 7 Uma vez que todos os dias se arrecada dinheiro para a alimentação, também as compras são feitas todos os dias, e em quantidades mínimas (uma caneca de arroz, uma colher de manteiga, ou concentrado de tomate, um pedaço de caldo de galinha), por pouco dinheiro, mesmo se a um preço muito elevado comparado com o seu preço de venda em quantidades "normais." As mulheres, não tendo dinheiro para comprar nas lojas, preferem comprar mais caro, mas em pequenas quantidades, todos os dias.
- 8 Vestuário feito de tecido legós com igual padrão para ser usado por um grupo associativo.



- 9 Tecido industrial proveniente do Senegal, Gâmbia, Guiné-Conakry, Indonésia e Holanda, fabricado expressamente para os mercados africanos e podem ser usados de várias maneiras. (BORGES, 1996).
- 10 A tina ou tambor de água é um instrumento de percussão que consiste num recipiente (antigamente um bidão ou barril cortado a meio), onde é introduzida água e uma cabaça semi-esférica. O músico bate com as duas mãos, alternadamente fechadas e abertas, por cima da cabaça, produzindo um som ritmado.
- 11 As palmas são pares de tábuas tocadas percutidas umas contra a outra.
- 12 Colega; membro da mesma classe de idade; membro da mesma associação.
- 13 Quotização; sistema de poupança e crédito mútuo rotativo.
- 14 A reunião de comerciantes do sector informal e funcionários públicos pode ser instrumentalizada para obter vantagens económicas, num contexto em que o acesso aos serviços do Estado e às oportunidades económicas decorre através de canais informais, baseados em relações sociais. Barbara Lewis (1976) acentua a importância das relações sociais entre as comerciantes e destas com os funcionários públicos, para obter posições vantajosas no negócio.
- 15 Cerimónia de iniciação. O fanado é considerado o evento mais importante na vida do indivíduo.
- 16 Pano de algodão, executado segundo a técnica de bandas estreitas (geralmente seis), cosidas longitudinalmente, cujo nome evoca o acessório do tear constituído por um caixilho, dentro do qual são ordenados os "dentes," entre os quais os fios passam, segundo a ordem dos liços, comprimindo a trama.
- 17 Arca ou mala onde a mulher guarda as suas riquezas pessoais e que é herdada pela filha.
- 18 Cerimónia funerária.
- 19 Relação particular estabelecida com intuito vantajoso baseado na família ou amizade.
- 20 Ajuda em crioulo.
- 21 Estas estratégias de obtenção das várias formas de capital são comuns às sociedades modernas e às pré-capitalistas, como demonstrou Bourdieu (1972), a propósito dos Kabyle.
- 22 Meillassoux (1968) classifica as associações segundo os fins a que se destinam e o critério de recrutamento que figuram no título da associação.
- 23 Ver, a este propósito, a análise de Latour (1985) sobre as relações entre as imagens sociais da mulher e a utilização de diferentes línguas em contexto africano.
- 24 Balandier (1971) atribuiu às denominações em língua europeia uma conotação de poder.
- 25 Denominações em crioulo com significado de, respectivamente: ancião, homem idoso, que goza de prestígio e poder e anciã, mulher idosa, que goza de prestígio e poder.
- 26 Insulto; insultar.
- 27 Meirinho é "o maior magistrado das comarcas antigamente," segundo o Dicionário Universal da Língua Portuguesa (1995, p.959) ou o "magistrado que governava uma comarca ou território." (DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1989, p. 1083).

- 28 Poder económico e prestígio social.
- 29 Unidade de produção e consumo constituída pela mãe e seus filhos.

## Referências

ACÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO. **O Movimento associativo rural na Guiné-Bissau.** Evolução e situação actual. Bissau: A.P.D./Solidami. 1993.

ACIOLY JÚNIOR, Cláudio. **Planejamento urbano, habitação e autoconstrução.** Experiências com urbanização de bairros na Guiné-Bissau. Delft: Universidade de Tecnologia de Delft, 1993.

AMADIUME, Ifi. **Male daughters, female husbands.** Gender and sex in an African society. London and New Jersey: Zed Books, 1987.

BALANDIER, George. **Sens et puissance.** Les dynamiques sociales. Paris: PUF, 1971.

BANTON, Michael. **West African city.** A study of tribal life in Freetown. London: Oxford University Press, 1957.

BORGES, Manuela. **Mana Ka Bu kai:** da importância dos panos nas relações de género em meio urbano, Bissau. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1996 (Catálogo da Exposição Panos de Cabo Verde e Guiné-Bissau).

\_\_\_\_\_. **Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau.** Cidades, comércio, associações e desenvolvimento. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001.

BOSERUP, Esther. **Women's role in economic development.** London: George Allen & Unwin, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique.** Précédé de trois études d'ethnologie kabyle. Genève: Lib Droz, 1972.

\_\_\_\_\_. **Le sens pratique.** Paris: Éditions de Minuit, 1980.

BROOKS, George. Historical perspectives on the Guinea-Bissau region. Fifteenth to nineteenth centuries. In: **Memorium Vice-Almirante Avelino Teixeira da Mota.** Lisboa: Academia de Marinha e IICT, 1987 (v.1).

\_\_\_\_\_. **Landlords & strangers.** Ecology, society, and trade in western Africa. San Francisco: Westview Press, 1993.

CARREIRA, António. Organização social e económica dos povos da Guiné Portuguesa. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa,** Bissau, v. 16, n. 64, p. 641-736, 1961.





\_\_\_\_\_. **Vida social dos manjacos**. Centro de Estudos da Guiné-Portuguesa. Bissau, 1947 (memórias, 1).

COMHAIRE-SYLVAIN, Suzanne. **Femmes de kinshasa hier et aujourd'hui**. Paris: Mouton. 1968.

DAVIDSON, Basil. **Liberation of Guiné**: aspects of an african revolution. Harmondsworth: Penguin, 1969.

DELGADO, Ana Maria; FERNANDES, Raul Mendes. **O papel da mulher na economia nacional**. Bissau: UNESCO/INEP, 1989 (Relatório Sobre a Participação das Mulheres de Cupelon na Economia Nacional/ Relatório do Seminário Internacional sobre o Papel da mulher na economia nacional).

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1989.

DICIONÁRIO UNIVERSAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa: Texto Editora, 1995.

DIOP, Cheikh Anta. **The cultural unity of black Africa**: the domains of matriarchy and of patriarchy in classical antiquity. London: Karnack House, 1989.

EMOVON, Adesuwa. Women of power. A study of market women's associations in Benin city, Bendel State: Nigeria. In: EDOUWAYE, Flora; KAPLAN, S. (Ed.). **Queens, queen mothers, priestesses, and power**. Case studies in Africa gender. New York: The New York Academy of Sciences, 1997.

GALLI, Rosemary; FUNK, Úrsula. O ajustamento estrutural e género na Guiné-Bissau. **Revista Internacional de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 16 e 17, p. 235-254, 1992/1994.

GORDON, April. **Transforming capitalism and patriarchy**. Gender and development in Africa. London: Lynne Rienner Publishers. 1996.

GOVERNO DA GUINÉ-BISSAU & UNICEF. **Analyse de la situation des enfants et des femmes en Guinée-Bissau**. Bissau: UNICEF, 1988.

HAFKIN, Nancy; BAY, Edna. Introduction. In: HAFKIN, Nancy; BAY, Edna (Org.) **Women in Africa**. Studies in social and economic change. Stanford. Calif: Stanford University Press, 1976.

HOCHET, Anne-Marie. **Paysanneries en attente**: Guinée-Bissau. Dakar: ENDA, 1983.

JAO, Mamadu. Estrutura política e relações de poder entre os Brâmes ou Mancanhas. **Soronda**, Bissau, n. 8, p. 47-61, 1989.

KANE, P. H. L. **L'Évolution des tontines dans le système bancaire au Sénégal**. Paris: EHESS, 1978.

LATOURE, Marie-Lorraine Pradelles. Paroles d'hommes, images de femmes. In: BARBIER, Jean-Claude (Ed.). **Femmes du cameroun. Mères pacifiques, femmes rebelles**. Paris: Karthala, 1985.

LEWIS, Barbara. The limitations of group action among entrepreneurs: the market women of abidjan, ivory Coast. In: HAFKIN, Nancy; BAY, Edna (Ed.). **Women in Africa: studies in social and economic change**. Stanford. Calif: Stanford University Press, 1976.

LITTLE, K. **West african urbanization: a study of voluntary organizations in social change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **African women in towns**. An aspect of Africa's social revolution. London: Cambridge University Press, 1973.

MATHIEU, Paul. Pratiques informelles, gestion de la confusion et invention du foncier en Afrique. In: VILLERS, G. (Ed.). **Phénomènes informels et dynamiques culturelles en Afrique**. Paris: L'Harmattan, 1996.

MEILLASSOUX, Claude. **Urbanization of an African community**. Voluntary associations in Bamako. Seattle and London: University of Washington Press, 1968.

MENDY, Peter Karibe. **Colonialismo português em África: a tradição da resistência na Guiné-Bissau, 1879/1959**. Bissau: INEP, 1994.

32 ODEYÉ-FINZI, Michéle. **Les associations en villes africaines**: Dakar, Brazzaville. Paris: L'Harmattan, 1985.

OKONJO, Kamene. The dual-sex political system in operation: igbo women and community politics in Midwestern Nigeria. In: HAFKIN, Nancy; BAY, Edna (Ed.). **Women in Africa: studies in social and economic change**. Stanford: Stanford University Press, 1976.

QUINTINO, Fernando Rogado. Os povos da Guiné II. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Bissau, n. 96, p. 861-915, 1969.

RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO E HABITAÇÃO DE 1991. **Resultados definitivos sector autónomo de Bissau**. Bissau, 1996.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU: um dos 10 países mais pobres do Mundo. **Terra Solidária**, Bissau, n.24, p.3, 1990.

REVEYRAND, Odile. Les associations féminines en Afrique Noire: l'exemple de casamance. **Le mois en Afrique**, Bissau, p.119-139, oct./nov.1982.

ROSANDER, Eva Evers. Women's in groups in Africa: female associational patterns in Senegal and Morocco. In: CHATY, Dawn; RABO, Annika (Ed.). **Women organized in groups in the middle East**. Oxford: Berg, 1997.



ROUGÉ, J-L Petit. **Dictionnaire étymologique du kriol de Guinée-Bissau et casamance**. Bissau: INEP, 1988.

SKINNER, Elliot. Voluntary associations and ethnic competition in Ouagadougou. In: BRIAN M. du. Toit. (Ed.). **Ethnicity in modern Africa**. Colorado: Westview Press/Boulder, 1978.

STAMP, Patricia. **Technology, gender and power in Africa**. Ottawa: International Development Research Center, 1989. (texto digitalizado).

STROBEL, Margaret. From lelemama to lobbying: women's associations in Mombassa, Kenya. In: HAFKIN, Nancy; BAY, Edna. (Ed.). **Women in Africa: studies in social and economic change**. Calif. Stanford: University Press, 1976.

ULRICH, Mai. **Credit, consensus, and power: the local association as a modern institution of socialization**. Bielefeld: University of Bielefeld, Faculty of Sociology, 1992. (working paper).

URDANG, Stephanie. **Fighting two colonialisms: women in Guinea-Bissau**. New York: Monthly Review Press, 1979.

VAN DER VAEREN, Aguessy. Les femmes commerçantes au détail sur les Marchés Dakarais. In: LLOYD, P.C. (Ed.) **The new elites of tropical Africa**. London: Oxford University Press, 1966.

WIPPER, Audrey. Women's voluntary associations. In: HAY, Margaret Jean; STICHER, Sharon (Ed.). **African women south of the sahara**. London: Longman, 1995.

Maria Manuela Borges  
Universidade Nova de Lisboa  
Pesquisadora do Instituto de Investigação Científica e Tropical do  
Centro de Estudos Africanos e Asiáticos  
Pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro da UFBA  
Rua da Junqueira, 30-1º  
Lisboa | Portugal | 1349-007  
E-mail | manuelaborges@netcabo.pt

Recebido 02 mar. 2005

Aceito 28 mar. 2005